

GERENCIAMENTO DE MEMÓRIAS DE TRADUÇÃO E DE GLOSSÁRIOS

Fuad Azzam
Associação Alumni/São Paulo
sp@intercom.trd.br

Resumo: Traduzir não é mais “apenas” transferir, com o mínimo de perdas e distorções, idéias de um idioma para outro. Em função das necessidades dos consumidores de hoje (e, por consequência, dos fornecedores), traduzir agora inclui os conceitos de “traduzir com preço competitivo” e “traduzir com homogeneidade de vocabulário” – para não falar de qualidade do atendimento, rapidez na entrega e tantas outras coisas que o tradutor está aprendendo a entregar com seu trabalho. As questões do “preço competitivo” e da “homogeneidade de vocabulário”, por si, já justificam, na área técnica, o uso das memórias de tradução e dos gerenciadores de terminologia. Acreditar, porém, que o simples fato de comprar o software e saber usá-lo já resolveria tais questões – isso seria ingenuidade. Depois que aprendemos a “pilotar” o software, aparecem novas necessidades. E a principal é: pensar mais. Pensar, decidir, organizar: ora, se passamos a ter um banco de dados de unidades de tradução e outro de terminologia, então precisamos saber utilizar esse patrimônio. Se aproveitamos itens de outros trabalhos, precisamos ter controle absoluto sobre o modo como os aproveitamos. A gestão das memórias de tradução e dos glossários aparece como uma nova tarefa; porém, mais que um trabalho adicional, ela otimiza o uso do nosso patrimônio e evita erros – às vezes caros – durante o uso.

Palavras-chave: Gerenciamento; gerente de projetos; GP; projeto de tradução; memórias de tradução; traduções técnicas; projetos; gerenciamento de terminologia; glossários; CAT; ferramentas.

Abstract: Translating is not “just” transferring ideas from one language to another with minimal losses and distortion. As a consequence of current consumer needs (thus current supplier needs), translating now includes the

concepts of “translating at a competitive price” and “translating with consistent terminology” – not to mention quality service, tight time frames, and so many other things the translators are learning to deliver along with their work. The “competitive price” and “consistent terminology” issues would be enough to justify, in the technical area, the use of translation memory and terminology management software. However, believing that simply buying software and being able to use it would solve these issues would be main one being the need to think more. Thinking, deciding, organizing; well, if we become owners of a translation unit database and of a terminology database, then we need to know how to use these assets. If we leverage items from other projects, we need to have perfect control over how this leverage is performed. Managing translation memories and glossaries emerges as a new task; however, more than merely creating additional work, it optimizes the use of our assets and avoids – sometimes expensive – errors during utilization.

Keywords: management; project manager; PM; translation project; translation memories; technical translations; projects; terminology management; glossaries; CAT; tools.

Introdução

Quando ainda trabalhava com engenharia, ouvi um colega falar sobre os três melhores negócios do mundo: o melhor de todos era uma refinaria bem administrada, o segundo melhor seria uma refinaria razoavelmente administrada e o terceiro, uma refinaria mal administrada.

Os tempos mudaram. Hoje em dia, as refinarias não estão tão bem assim, mas a área de tradução assistida está em uma curva sempre ascendente. Ainda não estamos em um ponto onde poderíamos dizer que glossários e memórias de tradução mal gerenciados seriam o terceiro melhor negócio do mundo para o tradutor – mas, com certeza, glossários e memórias bem gerenciados são o melhor negócio do mundo para o tradutor profissional de hoje. Faça questão de dizer “profissional”, que uso no sentido de um tradutor que tem como tradução seu trabalho principal, mas, principalmente, que tem clientes fiéis e constantes.

Apresentação

Tenho um escritório de tradução desde 1989. Comecei a utilizar memórias de tradução há aproximadamente 10 anos e fui, no final da década passada, representante do Transit (na época, a principal ameaça ao Trados). Sou tradutor juramentado. Estruturei e leciono Memórias de Tradução no curso de formação de tradutores da Associação Alumni, em São Paulo e dou cursos avulsos e presto assistência a outros escritórios de tradução no Brasil.

Um “causo”

Magda Tagliaferro (nome fictício), uma tradutora italiano→português, traduziu para um cliente, há uns seis meses, um extenso contrato originalmente redigido na Itália. Alguns dias depois dessa tradução, Magda ficou muito feliz ao receber o próprio contrato que ela mesma havia traduzido, mas com algumas modificações que o cliente brasileiro fez, para verter para o italiano. Normalmente ela não fazia versões para o italiano, mas ao usar a memória de tradução para fazer a análise do documento e ao perceber que a memória criada durante o primeiro trabalho (de tradução) cobria mais de 80% do texto, ela decidiu aceitar o trabalho - ela pediria ajuda a um colega, para não perder o cliente. O colega aceitou, mas não trabalhava com memória de tradução - Magda teria que entregar para ele apenas as sentenças/trechos que faltavam, ele traduziria “em Word, mesmo”, e ela copiaria e colaria no texto final a ser entregue ao cliente. Deu um bom desconto para o cliente, pagou um pouco para o colega, e todos ficaram felizes.

Se você já trabalha com memórias, já percebeu que nesse exemplo pode ter havido dois problemas: o colega de Magda pode não ter seguido a terminologia (mesmo ela tendo fornecido a ele um

glossário caprichado). Além disso, ele pode não ter seguido o estilo da “versão” de Magda (que é, na verdade, o estilo do próprio autor do contrato). Os tradutores profissionais sabemos que isso pode não acabar bem: o autor original do texto, que vai recebê-lo revisado, mas já vertido para o italiano, pode estranhar um ou outro termo, ou pode se perguntar por que motivo o estilo do contrato teria sido abruptamente alterado em um trecho “lá no Brasil”. Isso para não falar de uma possível propagação do erro, caso o autor, na Itália, fizesse novas alterações e reenviasse tudo para o Brasil para nova avaliação.

Eu teria imenso prazer em criticar a decisão de Magda ou o processo que ela escolheu, ou em falar mal do colega devido ao fato de ele *ainda* não usar memórias de tradução. Mas o objetivo deste artigo é diferente. É olhar, sob uma perspectiva de gerenciamento, para todo esse material (memória, glossário e também o documento) e procurar entender o problema criado, para poder resolvê-lo ou, pelo menos, mitigá-lo.

Resumo: gerenciar significa, entre outras coisas, “decidir”. Não há processo certo ou errado, mas alguns processos mais “eficientes” podem gerar efeitos colaterais piores que outros. Tudo é uma questão de ter a visão geral sobre tudo o que está acontecendo.

Público-alvo

O público-alvo principal deste artigo são os tradutores autônomos ou os tradutores contratados para trabalhar dentro de escritórios de tradução, desde que já tenham um conhecimento mínimo de memórias de tradução/gerenciadores de terminologia. Se você não conhece esses softwares, leia antes os outros artigos deste livro. Devido à importância do tema, obviamente, os próprios escritórios podem ter algum benefício, mas não entraremos em detalhes técnicos (como preparação de arquivos antes de tradução, “post mortem”, estatísticas etc.)

Isenção de responsabilidade

Procurei neste artigo utilizar o mínimo possível de nomes de programas comerciais. Só citei os nomes quando julguei estritamente necessário, devido a alguma característica específica do software. Antes de comprar qualquer software de memória de tradução/gerenciador de terminologia, leia os outros artigos deste livro com muita atenção e pesquise bastante, pois é você quem vai ficar com o “trem” durante anos.

Assim, meu propósito, ao citar nomes de programas, não é enaltecer ou recomendar um ou outro software, e se você se sentir induzido a achar que um deles é melhor, não tenho nada com isso. Isso quer dizer que você é o responsável por suas escolhas. Ou, em outras palavras, a culpa por uma decisão errada é sua, não minha. Trocando em miúdos, não me venha com reclamações se errar em alguma decisão. Fui claro? (Os fabricantes de software deveriam me consultar para aprender um pouco mais sobre as tais “disclaimers”...)

Definições

Pode ser útil definir algumas das coisas de que falaremos. Você encontrará descrições detalhadas sobre estes e outros “bichos”, conforme já dito acima, nos outros artigos deste livro.

Memória de tradução – Trados, WordFast, DejàVù, Transit, SDLX não são apenas memórias de tradução: são memórias de tradução *mais* gerenciador de terminologia (glossário). Mas a confusão não acaba aí: no dia-a-dia, chamamos indistintamente de “memória de tradução” ao conjunto de pares de segmentos da tradução (o arquivo, ou o banco de dados, onde estão contidas nossas traduções), mas também ao software que procura pares de segmentos de tradução antigos (em uma espécie de bancos de dados)

semelhantes aos novos. Note que eu disse “conjunto de pares de segmentos” - e não “pares de termos”, o que comporia um glossário. Ou seja, o Trados é memória de tradução, mas o arquivo que armazena as traduções feitas em Trados também é memória de tradução – seria algo parecido com querer chamar o programa Word de “documento” ou querer chamar o Excel de “planilha”. Mas essa confusão já está generalizada. Quer mais confusão? Em português, alguns usam as abreviações “TM” para memória de tradução (que vem do inglês “translation memory”) e “MT” para tradução automatizada (machine translation) (<http://www.abrates.com.br/abreartigo.asp?onde=E-business.abr>). Nem todo mundo gosta disso, e alguns preferem a forma traduzida, usando “MT” para “memórias de tradução” (<http://www.abrates.com.br/abreartigo.asp?onde=Memoria%20de%20Traducao.abr>) - já viu a confusão! Resumindo: esta definição não define nada, porque é um fiel retrato da confusão que se faz entre o software e o arquivo que contém as traduções antigas. Assim, neste artigo, você terá que descobrir “pelo contexto” a que se refere o termo “memória de tradução”.

Gerenciador de terminologia – na verdade, o glossário é apenas um dos arquivos de terminologia que o gerenciador de terminologia gerenciará (quando pensei pela primeira vez nessa sentença, não me parecia tão óbvia...). Assim, o conjunto de pares de *termos* (eu digo “pares de termos”, não “pares de segmentos) que fica guardado em um arquivo é um glossário. O software que procura um termo e, se encontrar, sugere-o ao tradutor, é o gerenciador de terminologia. Também atende por “gerenciador de glossários”, “banco de terminologia” mas, como no caso das memórias de tradução, às vezes é chamado simplesmente de “glossário” ou até “dicionário”.

Arquivo intermediário – os arquivos que você edita quando trabalha com memórias de tradução. Cada software tem extensões proprietárias (não me crucifique...) para esses arquivos. A única exceção fica por conta do trabalho com Word em Trados, onde o arquivo intermediário (o arquivo de trabalho sem fazer “Cleanup”) tem também a extensão *.doc.

Projeto – conjunto de informações sobre um trabalho específico com memórias de tradução. Contém, no mínimo, as seguintes informações: idiomas de origem e de destino; nome e formato (*.doc, *.html, *.ppt etc.) do documento a ser traduzido; nome da memória de tradução. Pode conter, ainda, informações sobre um glossário (se houver) e a estrutura de arquivos e pastas do trabalho em andamento.

Gerenciamento de projetos – em um sentido mais restrito, é cuidar para que um determinado serviço vendido a um cliente seja entregue conforme combinado.

Gerenciamento de memórias de tradução e de glossários – consiste em cuidar e procurar utilizar e organizar da melhor forma possível o patrimônio que você tem, expresso em memórias de tradução de trabalhos anteriores e em glossários, com a finalidade específica de obter ganhos de qualidade (e, claro, também em termos de tempo e custos) no trabalho atual e em trabalhos futuros.

Quem gerencia?

Conforme já dito antes, este artigo é realmente orientado a tradutores. Assim, quem fará o gerenciamento será você, se você tiver interesse em dedicar tempo a organizar, planejar, atualizar, corrigir, enfim: fazer a manutenção de sua base de estilo/terminologia. Em grandes projetos, o gerenciamento *administrativo* da memória de tradução e dos glossários pode ser feito pelo gerente de projetos (que, por outro lado, pode ter muitas outras atribuições) – mas o gerenciamento sob o ponto de vista de tradução continua sendo feito por um tradutor, tradutor-líder ou revisor.

Vale a pena gerenciar?

Antes de responder a esta pergunta, é importante assinalar que, embora as memórias de tradução e os gerenciadores de terminolo-

gia sirvam para reduzir custos, reduzir prazos e melhorar a qualidade (olha aí o tripé que o cliente tanto venera!), neste artigo o foco principal é a perspectiva da qualidade. Nada mais natural, uma vez que é a sua reputação que está em jogo...

Quanto vale uma boa memória? E um bom glossário?

É intuitivo dizer que uma boa memória de tradução tem um certo valor que poderia ser expresso em Reais (ou em qualquer moeda que exista na época em que você estiver lendo isto...). Um bom glossário, então, nem se fala! Mas, por uma dúzia de motivos, é difícil estimar o valor exato da memória ou do glossário que você tem. O problema é que esse valor sempre dependerá de algo que ainda está no futuro – um trabalho grande que poderá chegar a qualquer momento (ou não). Mas podemos fazer o nosso papel, aumentando o valor que a memória/glossário *poderão* agregar, dando-lhes a merecida atenção. E o único jeito de fazer isso é aumentar a *qualidade* da memória.

Um exemplo (memórias)

Nelson Freire tem uma memória (tô com preguiça de evitar a cacofonia – e sei que isso vai aparecer de novo...) formada durante um ano com os trabalhos que fez para um cliente. O cliente já é antigo, mas Nelson trabalha com memória de tradução (e gerenciador de terminologia, claro) há apenas um ano. Fazendo uma análise de um novo trabalho de 40.000 palavras que chegou (um manual), Nelson achou um aproveitamento de umas 10.000 palavras (100% match) e umas 10.000 palavras de “fuzzy match”. Mas, ao abrir o arquivo, veio aquela sensação de DéjàVù: ele lembrava de ter traduzido um manual muito parecido com aquele, mas não entendia por que não havia memória disso. Então ele lembrou:

o manual parecido foi traduzido já faz uns 10 anos. Precavido, Nelson havia guardado em local organizado o original e a tradução antigos – assim, bastou um rápido alinhamento para conseguir uma boa alavancagem.

Mas Nelson havia agora criado para si um problema: se usasse só a memória antiga, obteria um texto mais homogêneo, mas que provavelmente precisaria de alguma atualização e talvez até re-revisão – Nelson aprendeu muito nos últimos 10 anos, e seu estilo mudou. Valeria a pena?

Outra possibilidade em que ele pensou seria pré-traduzir o texto com a memória criada ao longo do último ano e deixar a memória criada pelo alinhamento apenas para trazer sugestões. Nelson sabia que essa última memória (já sei, já sei: cacofonia!...), apesar de desatualizada, estaria perfeitamente marcada, identificada com data, hora e origem e que ele poderia tomar as devidas decisões e fazer as devidas correções, se fosse o caso. Como bônus, no final do trabalho, poderia atualizar a memória que já vinha utilizando no último ano e jogar fora a memória gerada pelo alinhamento.

Difícil pensar numa solução melhor. Um mestre, esse Nelsão: espremeu todo o “conhecimento” que ele tinha, que estava espalhado entre trabalhos em Word e em memória de tradução, e consolidou tudo em uma sólida e coerente memória, revisando sugestões antigas enquanto traduzia. Claro que ele revisou tudo de novo no final e conseguiu entregar um trabalho excelente em prazo bem razoável.

Resumo: planejamento e conhecimento em profundidade das memórias existentes permitiram um gerenciamento racional do material já disponível, garantindo a qualidade de trabalhos futuros.

Outro exemplo (glossários)

O exemplo acima poderia ser repetido aqui, adaptando-se o caso para terminologia em vez de memória de tradução. Talvez apenas

a etapa da “pré-tradução”, embora exista também para terminologia, não fosse recomendada neste caso - mas a “marcação” de identificação de cada um dos termos não seria nenhum problema.

Mas vamos aproveitar e ver outro caso: o de Cordélia Arruda, a conhecida tradutora inglês→português ou português→inglês para assuntos médicos. Considerando que “corpo humano é tudo igual”, ela decidiu, logo no início de sua carreira, adotar apenas um glossário para todos os trabalhos em sua área. Mas, a partir de um certo momento, ela começou a ver que as coisas não eram bem assim. Um cliente novo queria que ela traduzisse “clearance”; depois, outro queria que ela deixasse “rash” em inglês. Um cliente excêntrico a instruía para deixar “w/w” em inglês; outro pedia que ela sempre colocasse a explicação de “q.s.” Em resumo, ela começou a perceber que teria que tomar uma decisão: ou criaria glossários diferentes, um para cada cliente, ou seguiria usando um só glossário - mas, nesse caso, identificaria os termos, no caso de haver duas traduções diferentes para o mesmo termo.

Cordélia pôs-se a fazer contas, e após um cálculo bem menos complexo que o do imposto de renda, chegou à conclusão de que a segunda alternativa seria mais rápida. Porém, como ela não havia previsto esta situação logo no início da carreira, não preparou um campo “comentários” ou “definição” ou algo parecido na estrutura do glossário - algo que a ajudasse a tomar uma decisão quando fosse a hora. Persistente, ela não desistiu: fuçou a Ajuda do gerenciador de terminologia para tentar descobrir como poderia mudar a estrutura do glossário. Infelizmente, o programa que ela havia adquirido não permitia isso. Ela teria que exportar o glossário, criar um novo com a estrutura desejada, e depois importar para esse novo glossário. Impressionante essa Cordélia: nada a abatia. Fez tudo isso, e descobriu feliz que o processo de exportar/criar novo glossário/importar levou menos que meia hora no total. “Já que é para o resto da vida profissional, valeu a pena”, pensou ela.

Cordélia estava certíssima e tomou todas as decisões corretas. De quebra (não gostais de gíria? Cuidar-me-ei!), criou um glossá-

rio que, quando usado no outro sentido (português→inglês) acha tanto “clearance” quanto “depuração” e corretamente indica a forma inglês como sendo “clearance” para ambos.

Se ela estivesse usando um software cujo nome não vou mencionar, por exemplo, teria ainda mais um recurso: criar vários glossários (um para as idiossincrasias de um cliente e outro para as do outro, um para termos médicos reconhecidos e invariáveis, e outro ainda para termos não técnicos) e usar qualquer combinação temporária desejada de quaisquer dos glossários durante um trabalho específico. Ok, ok, o software é o Transit. Uma solução elegante e bem poderosa; infelizmente, nem todos os softwares têm essa opção.

Resumo: nunca é tarde para melhorar. Se uma determinada configuração de arquivo (no caso o glossário) não está satisfatória, gerenciar também é “mudar estruturas”.

Gerenciar = gerenciar?

Afinal, o que é gerenciar memórias e glossários? Vamos responder a esta/essa (nada como um tradutor precavido...) pergunta, começando por explicar o que *não* é gerenciar memórias e glossários.

Gerenciar memória não é gerenciar projeto

Ninguém precisa fazer um curso de pós-graduação na FGV para gerenciar u’a memória (prefere assim? Não era melhor com cacofonia e tudo?) ou um glossário. Enquanto o gerenciamento de projeto se preocupa mais com tempos, custos e recursos – também conhecidos como pessoas –, o gerenciamento que estamos estudando olha mais para a organização, a consistência (desculpe, adoro provocar!...) e a atualização do nosso patrimônio. Assim, em uma casca de noz (lembrei daquele badalado livro daquele badalado físico), podemos dizer que: gerenciar um projeto é mais

administrativo, e gerenciar memórias/glossários é mais técnico – no sentido mais lingüístico do termo. Claro que ambos interagem e se confundem, mas é mais ou menos isso. Um gerente de projetos está para um gerente administrativo/de RH assim como um usuário que gerencia memórias/glossários está para um departamento técnico/de controle de qualidade.

Quando começa o gerenciamento?

É – quando? Será que para gerenciarmos memórias e glossários, é preciso que eles já existam? Se você pensa isso, então também deve achar que o gerenciamento de uma construção acontece depois que uma obra está pronta. Não faz nenhum sentido, né?

Terminologia e estilo de todos os trabalhos futuros

Sim, quando decidimos *como* (quais rotinas e hábitos adotaremos) e *até que ponto* (para quais casos/clientes devemos investir tantas horas) vamos gerenciar nossas memórias e glossários, estamos, em última instância, pré-definindo a *qualidade* do nosso trabalho. Não vou aqui perder muito tempo definindo qualidade mas, para fins deste artigo, ela está relacionada aos itens que mencionei há pouco: organização (por exemplo, a capacidade de se recuperar informações), consistência a.k.a. homogeneidade e atualização (porque terminologia é quase tão mutante quanto tartarugas ninjas).

Antes

Todo adolescente já sabe: antes, pense! Lembra do caso da Cordélia? Se não lembra, fique tranquilo(a): não vou fazer nenhu-

ma piada sobre sua “memória”. É aquela que trabalha com apenas um glossário, que antes não distinguia a origem/uso da tradução de um certo termo, e teve que mexer na estrutura do glossário exportando e depois reimportando. Pois bem: a Cordélia acabou tomando a decisão só mais tarde (mas não tarde demais). Sofreu um pouco por isso. Se ela tivesse tido mais dados para poder decidir lá atrás, logo no início da carreira profissional dela, talvez tivesse economizado tempo e esforço depois. Abrir um ou mais campos (de texto ou atributo) e deixar lá, esquecidos, no glossário, não custa nada. Mesmo que não sejam usados no futuro, praticamente não ocupam memória e não atrapalham. Mas, a beleza disso é que você vai acabar usando – eu sei que vai... É tão “darn” útil que você não resistirá. Além dos tradicionais “nome do autor”, “data da inserção”, “data da última modificação” etc. automaticamente inseridos a cada entrada no glossário (e que podem ser utilizados para futuras filtragens), você pode também “agregar valor” colocando informações sobre a fonte (se achou na Internet, se foi um amigo seu quem falou, se foi aquele outro amigo menos confiável quem falou, se é determinação do cliente...), sinalizadores (p.ex. um asterisco para os termos sobre os quais não tem certeza ainda) etc.

O caso análogo, para memórias de tradução, é: devo usar uma só memória, ou devo usar várias? Dica: juntar memórias é fácil, mas separar... Outra dica: já há no mercado mais de um software que permite que você trabalhe com várias memórias ao mesmo tempo (ponha isso na sua lista de itens a verificar quando for às compras). Assim, o ideal é ter uma certa fragmentação das memórias – até o ponto em que conseguir identificá-las. Quantas? Um número mágico eu não tenho, mas eu não taxaria de ponto-fora-da-curva um tradutor “frila” que mantivesse bem mantidas umas 10 a 20 memórias e um outro tanto de glossários. Para um escritório de tradução, esse número pode ser beeeem maior.

Tudo isso só para mostrar que o gerenciamento já começou, antes de você começar qualquer trabalho. Você teve que decidir se ia fragmentar ou não seu glossário/memória. E isso, acredite, dá um grande impacto operacional.

Durante

Ok, então você tem memória e glossário definidos para o trabalho atual. Aqui, o trabalho passa a ser um tanto quanto automatizado, certo? Certo. E esse é um dos problemas. Temos a tendência a achar que “memória é tudo igual”. Saímos traduzindo feito loucos para cumprir o prazo que aquele maluco do cliente nos “forçou” a cumprir encostando uma arma na nossa cabeça, e deixamos que a memória de tradução fique lá trabalhando, naquele processo de “crescimento sem dor” prometido pelos fabricantes do software.

“Mas o que é que eu posso fazer?”, você poderia perguntar. Primeiro: crie intimidade com sua memória. Conheça-a melhor. Seja amigo dela. “Fale com Ela” (obrigado, Almodóvar). Exageros à parte, faz sentido você conhecer bem o seu patrimônio de sentenças/palavras, não faz? E há coisas simples, realmente simples, que nos ajudam nesse sentido.

Uma coisa bem simples? Olhe para ela. Não, não precisa realmente falar, mas *olhe para sua memória*. Não para o ícone do arquivo, lá no Windows - olhe para o conteúdo da memória. O nome do botão no seu software provavelmente é “Maintenance”, que atua como um microscópio que o ajuda a “entrar” na memória, e fazer uma rápida inspeção visual. Mesmo que você não esteja fazendo isso com o objetivo de revisar a memória (que até pode ser o caso, para memórias antigas e não tão grandes). Por que você deveria olhar a memória? Primeiro, para saber se está tudo bem com ela. Se ela, por exemplo, abre e se está no local onde você acha que ela está (não ria, porque vai acontecer com você...). Segundo, para ver o “jeitão” – se não há informações esquisitas sobre formatação, se os idiomas estão definidos corretamente. Mudar o idioma (por exemplo, de português de Portugal para português do Brasil pode ser bem doloroso em alguns softwares). Tudo isso é para você ter uma idéia sobre a “máquina” que está pilotando.

Outra coisa básica (coisa básica = coisa que ninguém faz) é, por exemplo, fazer backup da memória e do glossário. Alguns softwares realmente não facilitam o trabalho de criação de cópias de reserva. O Trados, por exemplo, usa 5 arquivos para compor a memória (claro que dá para exportar para *.txt ou *.tmx, obtendo assim um só arquivo; claro que dá para compactar os 5 arquivos em um *.zip...). Já o Transit “esconde” seu glossário em uma estrutura de banco de dados (pode?) dificultando a cópia (sim, sim, claro que dá para fazer backup do banco de dados inteiro ou exportar glossário por glossário para poder fazer backup...). Nesse último caso, mesmo que você seja um ás do computador, não conseguirá fazer backup automático do glossário. Por falar nisso, daqui a pouco apresentarei o BraZip, um compactador de arquivo do tipo do “WinZip” brasileiríssimo que permite criar uma rotina para fazer backups automaticamente (até para um site de ftp!).

Há algumas perguntas para as quais não há resposta ou recomendação universal: vale a pena procurar e eliminar duplicatas na memória? Vale a pena achar um jeito de passar corretor ortográfico e/ou revisar a memória? Vale a pena “enriquecer” a memória atual com uma memória enviada por um colega ou com uma memória obtida do alinhamento de uma tradução antiga? Às vezes sim, às vezes não – mas o importante é lembrar que as possibilidades existem, e lembrar de pensar sempre no assunto.

Depois (seu trabalho melhora com o tempo?)

Quando falamos em *post mortem* em projetos de tradução, estamos falando em *post mortem* do projeto, e não da memória/glossário. A memória de tradução e o glossário só nascem – contrariando uma conhecida lei da natureza, eles nunca morrem. E faz sentido que assim seja, a não ser, claro, que acabem ficando muito desatualizados (morte natural) ou quando não se faz backup (e era necessário ter feito).

O *post mortem* do projeto, porém, também dá dicas sobre como melhorar/consertar alguma coisa que já está na memória ou no

glossário. Pode até recomendar que se jogue no lixo uma memória ruim, ou que se revise cuidadosamente um glossário.

Além disso, estamos cansados de ver casos (em grandes projetos) em que o cliente só responde dúvidas de terminologia depois que você já entregou o trabalho. Incrível, sem sentido, mas acontece muito. Essas informações, então, não podem deixar de ir para o glossário (e com as devidas anotações - “cliente aprovou” ou algo parecido). Na verdade, essas são justamente as mais importantes, porque são os termos que você não conhecia direito, para os quais teve que “pedir ajuda aos universitários”.

Etapas do gerenciamento

Agora, depois de ver alguns casos, podemos falar de modo mais sintético sobre este importante processo.

Antes do antes

Antes de mais nada: que tipo de pessoa você é? Quero dizer, que tipo de imagem de tradutor você quer vender? Organizado? Detalhista? Ágil? Barato? Experiente? Atualizado? Não vou falar muito sobre isso, mas é evidente que o seu estilo de trabalho propagandeado (e, claro, seguido) influi no modo como você organiza as coisas. Por exemplo, um tradutor atualizado e organizado teria a tendência de usar memórias mais fragmentadas que um tradutor mais barateiro (que quer aproveitar, por exemplo, textos de um cliente para outro - via memória, não glossário).

Mas, basicamente: defina que tipo de tradutor você é. Claro que isso pode ser alterado com o tempo, mas não deixe de se posicionar.

Antes

“Antes”, aqui, significa “antes de começar um projeto”. Esta é uma etapa intrinsecamente mais ligada a planejar. Assim, nesta fase devemos mais pensar e decidir que agir. Como você vai notar já, já, a descrição desta etapa é mais extensa que a descrição da etapa “durante” – que, aliás, costuma durar mais tempo. Isso só mostra a importância de adquirir bons hábitos (*per seculum seculorum*, para usar um termo em moda).

Qual(is) memória(s)/glossário(s) vou usar?

Quem lida, como já mencionei, com 10 a 20 memórias dificilmente terá dificuldade em tomar decisões com relação a qual arquivo usar para qual tradução/cliente. Mas quando você passa desse número, os nomes já podem começar a confundir. Isso para não falar em nomes que adotamos provisoriamente, como chamar um glossário de “Globe” e outro de “Globe-2” – como é que você vai lembrar depois o que significa esse “-2”? Assim, a medida preventiva seria usar nomes mais compridos e explicativos para as memórias/glossários.

Qual a qualidade da memória/glossário? (Quem as criou/desenvolveu?)

Identifique isso no nome. Outra medida seria colocar suas memórias em uma estrutura de pastas, e as memórias que você recebe do cliente em outra.

Devo pré-traduzir tudo o que eu conseguir?

Só pré-traduzo com memórias muito bem controladas, porque depois fica impossível (ou muito difícil) saber de onde veio a pré-tradução. Deixe memórias suspeitas apenas para consulta (via sugestão da memória).

Devo pré-traduzir terminologia?

Só se você for louco(a). Em mais de 10 anos, nunca usei o recurso que alguns softwares oferecem de aplicar a terminologia do glossário a um texto (note bem: estamos falando de aplicação de terminologia – pré-tradução de termos – via glossário, e não aplicação de segmentos via memória de tradução).

Quantas memórias? E glossários?

Dez a vinte; idem para os glossários. Mas isso é só um “número mágico”. Quem gerencia muitos clientes terá mais; quem só faz tradução de histórico escolar para duas ou três escolas não tem motivo para manusear tantos arquivos.

Com contexto?

Alguns softwares permitem guardar “contexto” na memória. Mas cuidado: “contexto” não é o texto circunvizinho – para as memórias, significa, por exemplo, informações de parágrafo e de fonte. Isso ajuda a comparar semelhanças entre segmentos da memória e do texto a traduzir, para fazer sugestões melhores (ou para aplicar penalidades) com relação a *formatação*.

Estrutura

Se você estiver criando uma nova memória, não há muito a inventar em relação à estrutura dessa memória em questão. A memória normalmente consistirá de um conjunto de segmentos associados a outro conjunto de segmentos (um a um, claro).

Porém, no caso do glossário, é recomendável definir, além dos campos obrigatórios (termo original e termo traduzido), campos de texto (p.ex. fonte, definição, contexto – aqui, sim, o contexto tradicional) ou de atributos (p.ex. “aprovado”, “pendente” etc.). Os campos do tipo “atributo” são o equivalente aos botões de rádio dos aplicativos.

Fusões e aquisições; cisões e alienações

Ou, em outras palavras: “Junto ou separo?”. Já falamos até em número “mágicos” em relação a quantidades de memórias e glossários. Mas veja este caso: minha amiga Clara Sverner, que sei que é uma tradutora responsável e cuidadosa, tem um glossário de engenharia mecânica; eu tenho outro com um número não muito diferente de termos. Decidimos, então, fazer um “toma-lá-dá-cá”. Como vou guardar esse glossário dela: separado do meu, ou junto? Uma coisa importante é lembrar que, qualquer que seja a decisão, sempre há um modo de levá-la a cabo, normalmente via exportação e adaptação (equalização) das estruturas. Mas o mais importante, claro, é a qualidade do material que você irá incorporar (ou não).

O caso oposto é, por exemplo, o seguinte: um cliente que nunca havia reclamado do trabalho de Arthur Lima, desta vez reclamou. Arthur sabia que, quando fez este trabalho, estava meio “sonolento” (coisa feia!...) por motivos pessoais, mas nunca imaginava que o trabalho iria sair tão ruim – os erros que o cliente apontou eram basicamente erros de revisão, e não de entendimento. De qualquer

modo, Arthur teria que consertar a memória (o documento já havia sido consertado pelo cliente decepcionado). Se ele tivesse ainda o arquivo “sujo” (antes do Cleanup) do Trados, isso seria fácil: era só consertar no Word e mandar atualizar a memória. Nos outros softwares, seria igualmente fácil. Mas Arthur só tinha a memória – já tinha mandado os arquivos “unclean” para o espaço. Não tinha mais tempo de ficar procurando segmentos um a um na memória. A solução dele foi: eliminar essa última tradução da memória, depois alinhar o original com o arquivo final corrigido pelo cliente.

Para “purgar” a memória, Arthur usou o recurso de filtrar os segmentos por data. A memória foi exportada (com a restrição de que somente segmentos até uma determinada data seriam exportados) para uma nova memória. A antiga foi excluída, e o alinhamento foi depois incorporado.

Misturo p-i com i-p?

Lembra agora do caso de Magda, que “devolveu” para o italiano uma tradução que havia feito para o português? A parte de usar a memória bidirecionalmente, no caso dela, até que funcionou bem (o problema dela foi outro). Isso porque, no caso específico dela, ela só trabalha com italiano→português: tudo o que está em italiano na(s) memória(s) dela foi escrito por italianos; tudo o que está em português foi escrito por ela. Mas, e no caso de tradutores que traduzem e vertem? Neste caso, perde-se a identificação de quem escreveu o quê na memória. Se você acha que essa identificação pode ser útil no futuro, separe memórias de tradução das memórias de versão.

Durante

Olhe

Como já discutimos, o mínimo que você pode fazer para saber onde está pisando, é “dar uma olhadinha” de vez em quando na memória. Não permita que a memória se transforme em um ser abstrato que habita no éter. Para ter controle sobre ela, conheça-a melhor.

E se houver problemas? Dá para consertar?

Problemas, pode haver. Aliás, é por isso que você olha para elas. Se dá para consertar? A resposta genérica para este problema é: em 2/3 dos casos, dá para consertar, e dá para consertar com soluções simples (mas precisa ser criativo). Nem sempre é possível recuperar toda a informação armazenada na memória (ou no glossário), mas consertar e recuperar uma boa parte já costuma ser um grande alívio. Se em 2/3 dos casos consertamos, isso quer dizer que, em 1/3 dos casos, não dá para consertar o arquivo – esses são aqueles casos em que você, com o coração batendo acelerado, procura acessar o seu backup para ver se está tudo OK com ele apesar de você tê-lo deixado lá, sozinho e esquecido, por algum tempo.

Atualize constantemente

De que adianta fazer backup constante da memória, se ela não está atualizada? Refiro-me aqui aos casos em que, por algum motivo, você alterou segmentos já traduzidos. Cada software tem seu modo particular de fazer a atualização da memória durante a tradução, mas normalmente isso é rápido – em geral consiste em

apertar um botão ou reinserir um segmento corrigido na memória. Esse processo é sempre manual.

No caso dos glossários o processo é ainda mais simples: basta trocar o termo, que trocado está. Também existe o recurso de fazer a correção de um termo do glossário via memória de tradução. Um caso típico ocorre quando o cliente envia correções de terminologia em resposta àquelas perguntas que você havia enviado.

Depois

Manter e atualizar

Não há necessidade de comentar muito sobre a necessidade disso: atualizar é preciso. A única questão aqui é quanto esforço deve ser investido nessas operações. O cliente vai mandar mais trabalho no futuro? O cliente tem terminologia relativamente estável ou muda constantemente? Os trabalhos que o cliente envia são normalmente repetitivos?

Proteger

Backup. Todo dia. Se você não lembra muito de fazer backup (como 99% das pessoas), visite www.brazip.com.br. É um compactador de arquivos concorrente do WinZip. É brasileiro “mas” é bom. Bom, nada – é excelente. Você define as pastas/arquivos de origem e de destino e os horários de backup, e ele faz tudo sozinho. Ele até envia os backups feitos pela Internet, se você quiser, para um local remoto (via FTP). Por um preço equivalente a menos de dez dólares, não dá para deixar de comprar. Veja o marketing deles: “A partir da versão 4.0, é possível copiar o backup para duas unidades de disco distintas, incluir senha de proteção no

arquivo de backup, executar uma aplicação antes e depois da cópia e enviar o backup para um servidor FTP.”

O que guardar? – a tentação de guardar só a memória

Claro que os softwares induzem a guardar só a memória. Na prática, é só isso mesmo o que importa. Mas, e no caso de clientes que perdem tudo e pedem para você achar para eles? Se você quer atender a estes casos (e tiver capacidade computacional – espaço em disco e largura de banda – para isso), talvez você também queira guardar o original e o arquivo final, e também algum arquivo intermediário (algo como os arquivos que não passaram por Cleanup ou arquivos intermediários). Porém, isso não é uma recomendação – só estou lembrando da possibilidade.

Quanto custa gerenciar?

Geralmente, gerenciar (antes, durante e depois do projeto) custa proporcionalmente muito pouco. Não custa muito pouco – custa *proporcionalmente* muito pouco. O gasto de tempo para pensar, planejar, organizar, atualizar e verificar é talvez algo em torno de 1 a 5% do custo do projeto. Claro, como tudo na vida, tudo é mais difícil no começo – inclusive ter o hábito de pensar e estabelecer rotinas. Este custo (ou, como preferem dizer aqueles que vendem cursos para executivos: este “investimento”) é essencialmente representado, no caso do frila, por tempo (de treinamento e de trabalho efetivo). Algumas das etapas (atualização, organização de pastas etc.) podem ser feitas durante algum tempo livre do tradutor autônomo – se é que existe esta entidade “tempo livre”. No caso das agências, também – só que, nesse caso, entra como \$\$\$ com pessoal.

Ok, então vamos guardar este número: se faço uma tradução que leva uma semana para ser concluída, o gasto com gerenciamento pode ser algo em torno de meia a uma hora. Pergunta: vale a pena gastar meia a uma hora somente gerenciando memórias e glossários? Para responder, precisaríamos analisar os benefícios, que é o que faremos a seguir. Mas, você que é perspicaz, interessado(a) e paciente (porque agüentou ler até aqui) já deve estar achando que provavelmente sim. Certo! Duas dicas: (7) se não valesse a pena, eu não estaria perdendo tempo com isso e (4) se não valesse a pena, escritórios no mundo inteiro não gastariam \$\$\$\$\$\$\$\$ com pessoal para fazer isso.

Quanto se ganha gerenciando?

Já que o foco deste trabalho é qualidade, basta dizer o seguinte: a qualidade evidentemente aumenta. Qualquer atenção que se dê, de preferência de modo sistemático, rotineiro e organizado, ao nosso patrimônio terminológico e estilístico, sempre trará melhoria da qualidade dos trabalhos futuros. Não há segredo: memórias/glossários melhores = trabalho melhor. É difícil para uma pessoa de fora (eu) quantificar quanto você ganha aqui; você deve saber melhor o peso que a qualidade do seu trabalho terá para seus clientes.

Outra compensação deste trabalho todo é o tempo economizado (ou o tempo não gasto inutilmente – chame como quiser). Uma decisão de juntar memória boa com memória ruim pode custar caro em termos de tempo para separá-las ou durante a revisão de um trabalho novo. Por outro lado, a decisão de atualizar um glossário, mesmo depois que o projeto foi entregue, pode representar uma grande economia de tempo e de esforço em trabalhos futuros – e evita aquele “mas eu já te falei...” que você poderia ouvir de um cliente.

A responsabilidade de ser o “guardião da terminologia” de um cliente não é pequena, mas ela sempre se transforma em uma

confiança maior do cliente no seu trabalho. Em função disso, pode ocorrer o seguinte: você pode estar cobrando, sem saber, até uns 10 ou 20% a mais que um colega, e o cliente pode decidir continuar trabalhando com você porque já confia no seu trabalho (pelo menos, é o que eu faria se estivesse contratando tradução para minha empresa).

Conclusão: em que casos gerenciar?

Pelo que vimos acima, gaste 1 a 5% tempo gerenciando suas memórias/glossários quando você achar que:

- o ganho de qualidade vale a pena e será reconhecido.
- como consequência do item acima: quando a qualidade (expressa em termos de homogeneidade de estilo e de vocabulário) do trabalho for muito crítica.
- não quiser perder tempo e correr riscos de errar em futuros trabalhos.
- para deixar sua consciência tranqüila!

Ferramentas de gerenciamento e manutenção

Isto não pretende ser um compêndio sobre como utilizar o software. Para tanto, RTFM. Se não sabe o que é RTFM, então STFG!

Não sei qual software de memória de tradução/gerenciamento de terminologia você usa. E você não quer que eu detalhe esses comandos para todos os softwares comerciais existentes, quer? (Vamos lá, seja razoável: já está tudo nos manuais/arquivos de ajuda, e se eu fosse me arriscar a começar uma descrição, acabaria escrevendo mais de duzentas páginas sobre o assunto).

Não, o objetivo não é (re)escrever os manuais. Mas vou listar (ou, se você preferir, relacionar) alguns comandos úteis. Grande

parte dos softwares mais populares tem a maioria dos comandos abaixo. Você notará que às vezes menciono “Transit”, mas não menciono outros. Isso não se deve ao fato de eu ter sido vendedor de Transit por alguns anos, mas devido ao fato de que o Transit tem um modo peculiar de trabalhar (quem tem Transit vai entender: é um software de memória de tradução que não tem um arquivo central de memória, como todos os outros softwares, mas que é constituída pelo conjunto de todos os arquivos de trabalho, ou arquivos intermediários, que você já traduziu, e que podem ser livremente associados para tarefas específicas).

Olhar a memória

Esta ação normalmente é acessada através de um comando chamado “Maintenance”. Com ele você percorre todos os segmentos da memória (e pode alterá-los). No Transit, basta abrir os arquivos de memória de interesse – todos de uma vez. Filtros há, de modo a permitir o foco em segmentos de interesse (p.ex. que contenham uma certa palavra).

Corrigir e atualizar a memória

Para corrigir e atualizar, eu preciso olhar, certo? Errado. Na maioria dos softwares, você precisa abrir a memória e olhar, lá no fundo do olho dela, para fazer a correção. Porém, no caso de DejàVù e SDLX, dá para mexer em arquivos intermediários sem mesmo abrir os arquivos, localizando e substituindo tão irresponsavelmente quanto se queira. Bom ou ruim? Você decide... No Transit, você sempre altera o próprio arquivo de trabalho, que também é a memória. No Trados, além de poder mexer diretamente na memória, você pode alterar o arquivo “não-cleanupado”, se ele ainda existir, e depois alterar.

Corrigir e atualizar o glossário

Um trabalho intrinsecamente artesanal, independentemente de ser feito diretamente no aplicativo do glossário ou através da seleção no original+ tradução no arquivo de tradução. Mas, claro, você pode “dar uma roubadinha” se exportar o glossário para um formato de texto normal.

Importar memórias

Por que? Para que? – Só estou perguntado para saber se você tem certeza de que quer juntar tudo. É que, como já vimos antes, juntar é fácil, mas separar... Mas se é isso o que você quer, tudo bem... Vá em frente. Mas não vá se arrepender. Entendeu? Fui claro?

Bem, se você decidiu juntar memórias, o processo é geralmente simples. Basta abrir uma delas e importar a outra. Se quiser, use um filtro (p.ex. para data ou autor). A importação pode ser a partir de vários formatos: outra memória, arquivos intermediários, arquivos *.tmx (formato [mais ou menos] universal Translation Memory Exchange).

Exportar memória

Ou para usar em outro software (*.tmx), ou para “purgar” sua memória de bichos esquisitos. Explore os filtros.

Importar glossário

Para fundir (inchar o seu glossário) ou para aproveitar aquele glossário antigo que você só tinha em formato “tabelinha-de-duas-colunas” em Excel ou Word.

Exportar glossário

Para alterar a quantidade/tipo de campos ou para enviar para um(a) colega jurássico(a) (= que não trabalha com software de tradução. Já avisei que sou um provocador?...). Isso nem sempre é fácil em todos os softwares (e é intencionalmente dificultado pela Star, fabricante do Transit), mas fazendo alguns “malabarismos” sempre dá para exportar.

Reorganizar a memória

Como você já deve ter suspeitado, há jeitos e jeitos de fazer isso (usando exportação/importação e, eventualmente, filtros). O único que dispensa isso, por ter a memória totalmente pulverizada, é o Transit. Cada arquivo de trabalho gera um arquivo de trabalho em Transit, que também é uma memória. Essa memória não pode ser fundida com outra; por outro lado, você pode, ao traduzir, abrir tantas memórias quanto queira.

Outras ferramentas de gerenciamento

Decepcionado? Achou que as ferramentas acima são poucas para poder gerenciar suas memórias e glossários? Na verdade, se você utiliza corriqueiramente um quinto dos recursos acima, já pode se considerar um bom gerente, pelo menos aqui no Brasil. Além das ferramentas acima, que já são oferecidas nos próprios softwares, há ferramentas externas que podem ser utilizadas para algumas funções.

Um exemplo disso é o “faca-de-dois-gumes” “Search and Destroy”, digo, o “Search and Replace” (S&R). Não, não é o comando do Word, mas um aplicativo independente que faz locali-

zações e substituições automaticamente em conjuntos de arquivos ou em pastas inteiras (sentiu o perigo?). Acho que a grande vantagem do S&R é que, além de trabalhar com vários arquivos ao mesmo tempo, ele pode trabalhar simultaneamente com vários *tipos* de arquivos. Ou seja, você pode localizar e/ou substituir uma palavra em vários arquivos Word, Excel e PowerPoint, tudo ao mesmo tempo, com um só comando – é só indicar os arquivos de trabalho e mandar bala! Bem, talvez “bala” seja mesmo o termo correto, porque às vezes ocorre um genocídio de arquivos. Felizmente, antes de qualquer operação, você pode (mas a gente sempre esquece de) definir uma pasta onde são colocados backups dos arquivos em processamento.

Mas, minha opinião geral é: se puder evitar, evite fazer alterações nas suas memórias e glossários com aplicativos externos ao seu software. Isso, para o “Replace”, mas um “Search” múltiplo (inclusive multiformato) é sempre útil...

Então, gerenciar é um mar de rosas?

Ninguém disse isso.

O cliente: urgências e alterações no meio do caminho

Uma relação paradoxal, a que temos com nossos clientes. Enquanto – até pelo nosso próprio interesse – os defendemos com unhas e dentes, procurando entregar o melhor trabalho possível no menor prazo possível e, claro, ao menor custo possível, muitas vezes é ele quem causa problemas de prazo, qualidade e preço.

Por exemplo: as pressões de prazo de hoje em dia, além de tornarem mais difícil (não impossível) entregar um trabalho de melhor qualidade, acabam tirando a motivação dos tradutores de fazer algo organizado. Para isso, o único remédio é: ânimo. Quando aceitar fazer um trabalho sob pressão, lembre de prever algum tempo para gerenciar seu patrimônio terminológico e estilístico.

Outro exemplo: cliente que muda terminologia no meio do jogo, ou que demora muito para responder a suas dúvidas de terminologia (isso especialmente em projetos grandes).

Mais um: cliente que pede para um escritório de tradução traduzir a interface de um software (aquilo que você enxerga no seu computador quando usa qualquer programa), e pede para outro escritório traduzir o manual *do mesmo software*, sem colocar os dois escritórios de tradução em contato para algum tipo de cooperação no sentido de homogeneização.

As respostas para as dificuldades, como esperado, variam muito. Pela minha experiência pessoal, noto que para resolver essas dificuldades sempre há a necessidade de conversar com o cliente, ou de fazer alguma negociação comercial (para receber mais em troca de um trabalho adicional em decorrência de mudança de rumos provocada pelo seu cliente).

Nós mesmos: esquecimento e preguiça

Em muitos casos, somos nós mesmos os culpados pela dificuldade de ter um glossário e memória bem gerenciados, “redondos” e confiáveis.

Veja o caso desta tradutora de francês, a Katia Labèque: ela adora a memória de tradução que usa porque isso a faz ganhar muito tempo (e dinheiro). Mas ela tem o péssimo hábito de fazer correções no texto final (no documento Word que vai entregar para o cliente), nem sempre corrigindo/atualizando a memória/glossário. “Pura falta de tempo”, diz ela às vezes. Ou, pior: “Depois eu corrijo a memória”. Nem preciso dizer que ela propagará esse erro para o resto da vida.

O mais incrível é que a atualização toma tão pouco tempo, mas os tradutores autônomos não o fazemos. Talvez os tradutores devêssemos ser mais organizados?...

Conversibilidade das memórias

Um item importante hoje em dia é a conversibilidade das memórias de um para outro formato. Os dois formatos usados pelos softwares para isso são: formato “Trados” ou formato “TMX”. Ambos facilitam muito o trabalho do tradutor. Por exemplo, se seu colega tem uma memória em Trados e você só tem DejáVù, ele pode exportar a memória para TMX e entregá-la para você, ou você pode importá-la diretamente do formato Trados para seu software preferido.

Como dificuldade, a única existente é que nem sempre se consegue a conversão perfeita de todos os segmentos. Alguns somem da memória, e outros acabam sendo convertidos com a adição de símbolos estranhos do tipo “\n” e outros.

Conclusão: cautela é sempre bom. Dar uma “olhadinha” na memória, depois de uma importação é fundamental.

Este problema não ocorre no caso da conversão de glossários para formatos diferentes do original. Com os glossários, a conversibilidade é total e perfeita.

A importância de escolher a melhor memória

A idéia aqui não é escolher a melhor memória/glossário para você trabalhar – isso já está sendo discutido em outras partes deste livro. A idéia é escolher a melhor memória para você *gerenciar*. Não, não esqueci da palavra “glossário” na sentença anterior: é que, como vimos há pouco, o gerenciamento dos glossários é algo que normalmente não apresenta dificuldades.

Assim, enquanto estiver coletando informações para poder decidir qual memória comprar, por que também não analisar a facilidade de fazer operações de atualização/correção em cada um dos softwares candidatos? Não tenha vergonha de perguntar isso para o fabricante. O Transit (que eu saiba) é o único software que tem representação no Brasil. Para os outros, você dependerá do

serviço de suporte, que – exceto no caso do Trados – é normalmente muito bom. Ah, sim, no caso do Transit, o suporte nacional é ótimo para problemas corriqueiros, mas quando se precisa recorrer ao escritório central, lá nazoropa, pode esquecer...

Importância dos recursos de CQ

Os softwares de memória de tradução/gerenciamento de terminologia têm recursos de controle de qualidade que vão muito além do revisor ortográfico-gramatical do seu “Wordzinho”. Verificadores de terminologia (para confirmar se você seguiu o glossário ou esqueceu em algum caso), verificadores de “tags” (para verificar se você não apagou ou acrescentou acidentalmente alguma tag – o que ocorre, mesmo com as proteções usuais), o recurso de ver se não foi esquecida a tradução de algum segmento e outros recursos de qualidade estão aí para ajudar na entrega de um bom trabalho.

O que ocorre, porém, é que esses recursos não existem nos aplicativos de gerenciamento da memória. Ou seja, quando está editando um arquivo (fazendo uma tradução), você tem todas essas ferramentas à disposição, mas você não as tem mais quando está trabalhando diretamente com a memória.

Isso quer dizer duas coisas: (a) pode ser útil guardar os arquivos de trabalho e (b) o trabalho, por exemplo de correção/substituição, deve ser feito de forma ainda mais cuidadosa quando trabalhamos diretamente na memória.

Conclusão

Onde consigo mais informações?

Se você já tem um software de memória de tradução e gerenciamento de glossários, consulte o manual ou o arquivo de

ajuda – acredite: há coisas úteis lá. Perturbe o pessoal de suporte até eles explicarem tudo direitinho, se for o caso. Também posso ajudar em alguma dúvida técnica específica – qualquer coisa menos recomendar um software!...

Mesmo as versões de demonstração dos programas têm os manuais completos – aproveite!

Consigo fazer tudo isso?

Você quer dizer “Será que consigo gerenciar memórias e glossários corretamente?” Minha resposta é simples: se você não consegue, nunca recomendarei seu trabalho para ninguém. A evolução da tradução escrita, como todos sabem, foi mais ou menos assim: manuscritos à máquina de escrever à processador de textos à memória de tradução. Cada uma dessas eras sempre teve lá suas regras para organização do conteúdo da tradução. Com relação às memórias de tradução/glossários, isso não poderia ser diferente, especialmente em uma época em que os clientes já estão extremamente exigentes (com razão) com relação à qualidade.

Resumindo: não só consegue, como deve, se quiser ser um profissional tão bom quanto alardeia por aí.

Como você deve ter percebido nas discussões neste artigo, mais que “aprender comandos”, gerenciar glossários e memórias é “planejar”, “organizar”, “proteger” e “fazer manutenção”. Em minha opinião, o mais importante (nem por isso o mais fácil) é criar bons hábitos. E isso você pode desenvolver, se realmente quiser, enquanto usa seu software.